

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMAGINAÇÃO EM GASTON BACHELARD

Creusa CAPALBO
UERJ

RESUMO

Os estudos de Bachelard sobre a imaginação, conforme justificamos, se aproximam das teses da fenomenologia de E. Husserl sobre o assunto. Para ambos a imaginação não é a faculdade de formar imagens ou de ser cópia da realidade. Ela é liberadora e modificadora das imagens, ela é abertura de horizontes, projeção de ação futura, ela é imaginação criadora. Bachelard, como ele mesmo afirma, inspira-se sobre o tema da imaginação, do pensamento de H. Bergson e Nietzsche.

RÉSUMÉ

Les études de Bachelard sur l'imagination s'approchent des thèses de la phénoménologie de E. Husserl, selon les justificatives que nous avons donné. Tous les deux ont l'idée de que l'imagination n'est pas une faculté pour former des images ou d'être une copie de la réalité. Elle est libératrice et change les images, elle est ouverture d'horizon, projection de l'action future, bref, elle est l'imagination créatrice.

Bachelard, comme il même le dit, prétend s'inspirer, a propos de ce sujet, de la pensée de H. Bergson et de Nietzsche.

Podemos afirmar que, de modo geral, a filosofia moderna reconheceu que a imaginação é uma faculdade distinta da representação e da memória, embora estando a ambas ligada. A imaginação, segundo os autores desta época, se liga a representação pois ela só realiza combinação de elementos se estes forem previamente obtidos pela representação sensível. A imaginação se liga à memória pois sem a lembrança das representações a imaginação não poderia estabelecer combinações entre elas.

Os pressupostos desta filosofia da imaginação repousam na teoria das faculdades e na teoria da representação pois, de fato, dizem os autores da filosofia moderna, a imaginação representa apresentando novas imagens.

A imaginação é entendida, assim, como uma faculdade da alma ou como uma atividade mental, reprodutora ou produtora de sínteses. Enquanto reprodutiva ela representa o sensível em imagem ou em figura de objetos sensíveis representados pelas figuras matemáticas. Enquanto produtora ela é uma atividade espontânea que combina representações para dar-lhes outras formas. Só neste segundo caso se pode dizer que a imaginação é livre.

Sabemos que em meados do século XIX abandonou-se a doutrina das faculdades enquanto “potências” da alma, tanto na filosofia quanto na psicologia. O nome faculdade passa a ser usado como um nome coletivo de uma certa classe de atividades psíquicas. Podemos dizer que no século XX a noção de faculdade não desempenha mais nenhum papel na filosofia nem na psicologia. O que importa agora é a análise, a descrição e a compreensão, ou explicação, se for o caso, de fenômenos psíquicos tais como perceber, recordar, desejar, imaginar etc.

A fenomenologia de Edmund Husserl diz que os fenômenos, como, por exemplo, os que foram acima mencionados, e outros mais, referem-se as formas da consciência, como atos intencionais, que os colocam face à consciência. A imaginação depende das percepções, mas percepção e imaginação são distintas essencialmente, são atos diversos da consciência intencional. Todo ato da consciência tem uma base material. Assim, a percepção tem por base material “a coisa nela mesma” “em carne e osso”, e para a qual os atos intencionais se

voltam, os quais são vividos por nós na apercepção dos objetos. A base material da imaginação pode ser “a coisa nela mesma” posta na sensação, só que ela não nos é dada como objeto presente “em carne e osso” mas sim como “objeto imaginário”, ou seja, como um objeto não presente. Essa base material da imaginação pode se expressar ainda nas figuras e nas formas, como se dão nos atos da imaginação na matemática. Fala-se, então, de “imaginação produtora, criativa ou transcendental”, no sentido que nos vem desde Kant. Sem imaginação criadora não há matemática, hipótese, ciência ou arte¹. Assim a distinção entre percepção e imaginação não é de intensidade ou de quantidade, mas sim de natureza qualitativa, como dois atos distintos da mesma consciência intencional. Mas ainda há mais. O tempo da consciência perceptiva é sempre o tempo presente, pois se ancora na presença vivida, “em carne e osso” da “coisa nela mesma”. Já o tempo da consciência imaginária oferece a ausência da presença da coisa nela mesma, pois a sua vivência de presença (presente) já ocorreu; assim esse tempo se dá sob a forma do passado. Mas este passado pode vir à presença do presente sob a forma de lembrança e pode se projetar para o futuro como perspectiva que se ante-abre, ou como possibilidade futura. O futuro não é, mas pode vir a ser. Assim, a consciência do tempo na imaginação é do passado e do futuro. Mas, como sabemos, os momentos do tempo não são em si separados. Para a fenomenologia a consciência temporal é uma unidade que “escorrega pelas mãos” quando queremos fixar os seus momentos, escreve Sartre, e nisto seguindo E. Husserl, M. Ponty, dentre outros. A partir de Husserl não se pode mais dissociar “o objeto imagem” do “sujeito imagem”, pois são polos noético-noemáticos indissociáveis da consciência intencional. O ato de imaginar é da subjetividade de uma consciência intencional e se refere sempre a algo por ela imaginado (objeto imaginário). Mas, este algo ou objeto não fica no plano da pura imanência, pois senão ficaríamos presos a um eu solipsista. A consciência imaginária precisa mostrar-se, exteriorizar-se, constituindo-se, assim, em objeto comum para nós e não para um eu fechado em si mesmo. A consciência intencional da imaginação permite-nos compreender que imaginar é por-se diante de um objeto ausente e que este objeto não é uma ilusão ou sinônimo de não realidade: ele é “irreal” ou “objeto imaginário”, um fenômeno de

“quase-observação” como se expressa Husserl e depois J. P. Sartre. O imaginário tem um poder simbólico que encarna e se expressa em múltiplos sentidos. O imaginário é uma expressão em segunda potência, pois a expressão originária, em primeira potência, é o gesto e a língua que se fala.

O ato posicional da consciência imaginante coloca, para a consciência, o objeto imaginário como um objeto que pode se constituir em objeto de reflexão. Esse objeto imaginário carrega consigo a existência em que o homem está inserido, o seu modo de ser-no-mundo, vindo, pois, carregado de sentimentos, de desejos, de esperanças, de valores, de tradições, de visões ideológicas, de esteriótipos sociais produzidos pelo imaginário social, de aspirações futuras ou utópicas. Só há objeto imaginário porque houve deformação e modificação de imagens, escreve Sartre².

Os estudos de Gaston Bachelard sobre a imaginação, no nosso modo de ver, se aproximam das teses da fenomenologia particularmente advindas de Husserl. Para Bachelard a imaginação não é a faculdade de formar imagens ou de ser cópia da realidade. Conforme ele mesmo escreve, ela é antes “a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é, principalmente, a faculdade de nos liberar das primeiras imagens, de modificar as imagens. Se não há modificação de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante (...). O vocábulo fundamental que corresponde a imaginação não é imagem mas sim imaginário”³. É graças ao imaginário que a imaginação se apresentará como “abertura”, “experiência da novidade”, projeção da ação futura. Para Bachelard é o ato que se imagina já realizado que constitui o ponto de partida para toda projeção da ação futura. Visualizo o estado de coisas que uma ação futura provocará antes de iniciar os passos da ação futura que será realizada. Situamo-nos “imaginariamente” no tempo futuro.

Bachelard diz que pretende fazer uma psicologia dos elementos, terra, água, ar e fogo⁴, tendo em vista a finalidade de desenvolver teses sobre a metafísica da imaginação, tomando como filósofos inspiradores Bergson e Nietzsche⁵.

Nos estudos empreendidos por Bachelard sobre a imaginação do movimento, onde o ar e os sonhos são os elementos essenciais, ele afirma que a mobilidade das imagens é “um tipo de mobilidade espiritual a mais viva”⁶, pois é imaginação criadora. Não se trata para ele de uma ação só da consciência (como se encontra em Husserl), mas nela e por ela se encontra o todo do Ser (dimensão ontológica igualmente presente em Sartre, por exemplo).

Os elementos imaginários são os materiais fundamentais da imaginação e ele os encontrou nisto que chamou de “lei das quatro imaginações materiais, lei que atribui necessariamente a uma imaginação criadora um dos quatro elementos: é fogo, terra, ar e água”⁷. A imaginação, por causa desta lei, se fixa num destes elementos primordiais de que nos falaram os pré-socráticos. É preciso, no entanto, compreender que para Bachelard estes elementos não são inertes, mas sim portadores de um dinamismo especial, pois preparam, diz ele, “uma sublimação especial, uma transcendência característica”. A sublimação do ar se constitui em discurso. É assim que o “ser voador ultrapassa a própria atmosfera em que ele voa; um éter se oferece sempre para transcender o ar(...) e assim o mais próximo substantivo do ar é ser livre”⁸. Vemos, assim, que o tema da imaginação criadora e da liberdade se cruzam em Bachelard, tal como na fenomenologia contemporânea.

Desenvolvendo a idéia da “sublimação do ar em discurso”, Bachelard diz que esta sublimação dinâmica nos fornece a “energia do devenir”: elevação ou subida, ascensão, eixo de verticalidade como expressão da vida e, no seu contrário, a horizontalidade do dormir e da morte, da queda e do declínio, metáforas usuais para falar da queda moral ou da queda no pecado. É extraordinária a semelhança dessas idéias como o que encontramos em Heidegger na sua obra “Ser e Tempo”, onde a vida é verticalidade e o ser para a morte se ilustra pela inclinação em direção à horizontalidade, explicitadas e interpretadas em todos os seus modos de ser existencial.

Para Bachelard a experiência de ascensão e de verticalidade e, porque não dizer, da própria vida, nos faz experimentar uma transcendência que nos transporta a um mundo novo. É isto que Bergson queria pensar acerca da questão filosófica da transformação

e do movimento, comenta Bachelard. O problema essencial da “durée” vivente é o de constituir “o ser ao mesmo tempo como movido e movente, como móvel e motor”⁹, constituindo “em si mesmo a síntese do devenir e do ser”¹⁰, afirma Bachelard. Mover-se num movimento que engaja o ser é transformar-se enquanto ser movente, ou ainda, “devenir em imaginação a matéria que convém ao devenir de nossa “durée” presente”¹¹. A constituição de nosso ser pode se dar como móvel na queda ou no elan em direção à ascensão ou à transcendência. É aqui, esclarece Bachelard, que se entende este movimento em direção ao futuro e a sua transformação para o homem. Fundar o futuro requer “valores de vôo, de liberdade”. E a primeira valorização do homem é a valorização de si mesmo, sem a qual este não pode entender o valor do outro seu semelhante nem atribuir valor às coisas; é preciso “viver a valorização da vida e a desvalorização da matéria(...) para que se dê a ascensão ao ar puro, à liberdade”¹².

É assim que se entende que o ato de evolução é animado de “dois dinamismos da vida: O dinamismo que conserva e o dinamismo que transforma”¹³. Ora, esta filosofia do movimento e da transformação assim interpretada permite que vejamos que para Bachelard a metafísica da liberdade não é a escolha feita (passado) mas a “dinâmica da liberação” (futuro) onde a dimensão “aérea se desprende do terrestre”, ou seja, que sem purificação não há liberação, pois ambas são expressões do valor vida.¹⁴ A liberação desejada e esperada é esperança, território do “instante” da sua formação, onde felicidade, alegria, paz, fraternidade, amor, igualdade, poderão surgir e ser esperados. A vida é este “elan” criador da esperança.

Este imaginário do ar é igualmente empregado por Nietzsche, conforme mostra Bachelard. O próprio Nietzsche se designa como um aéreo quando escreve: “A nós espíritos livres, espíritos aéreos, espíritos alegres”¹⁵. O ar é a substância mesma da liberdade e da alegria, filosofia do devenir, reino da imaginação, comenta Bachelard. Quando Nietzsche escreve: “respirando o ar mais puro(...), sem futuro, sem lembranças”¹⁶ ele nos situa nesta “consciência do instante livre”, afirma Bachelard de um instante que não tem mas que se abre ao futuro pois, conforme diz Nietzsche, “o ar se preenche de promessas”¹⁷.

Este é o destino do homem: busca de liberdade sem barreiras e abertura para novos horizontes desejados, promessas que se espera sejam realizadas e preenchidas. É assim que o homem se reconhecerá como tendo um destino histórico que o leva à ação, buscando realizar-se e realizar suas aspirações, seus desejos e projetos. A ausência ou inexistência atual de algo que almejo, que aspiro vir a ter num futuro, se constitui, no plano da imaginação, na característica essencial do objeto imaginário. Neste ponto há concordância entre a fenomenologia e Bachelard¹⁸. O objeto imaginário que é “promessa futura”, tem o poder de desencadear a ação, unindo inteligência, liberdade, vontade, desejo, emoção, esperança, ou seja, o todo do homem na unidade de seu ser.

NOTAS

- (1) Husserl E., **Recherches Logiques**, II, 2ª ed., Paris, PUF, 1960, p. 385. E ainda J. P. Sartre, **L'Imagination**, Paris, PUF, 1965, p. 26.
- (2) Sartre, J. P., **L'Imaginaire**, Paris, Gallimard, 1940, cap. 11. E ainda Capalbo, Creusa - Fundamentos filosóficos do imaginário in **Imaginário Social e Educação**, Nilda Teves (Org.), R. J, Ed. Gryphus, pp. 188-220.
- (3) Bachelard, G. **L'air et les songes**. Essai sur l'Imagination du mouvement. Paris, Lib. José Corti, 15 reimp., 1943, p. 7.
- (4) Ibidem, p. 15.
- (5) Ibidem, p. 24.
- (6) Ibidem, p. 8.
- (7) Ibidem, p. 14.
- (8) Ibidem, p. 15.
- (9) Ibidem, p. 293.
- (10) Ibidem, p. 294.
- (11) Idem.
- (12) Ibidem, p. 297.
- (13) Ibidem p. 300.
- (14) Idem.
- (15) Ibidem, p. 156. Cita Nietzsche, **Poesias**, p. 236.
- (16) Nietzsche, **Poesias, Ecce Homo**, p. 263 in Bachelard, Ibidem, p. 158.
- (17) Ibidem, p. 274.
- (18) Sartre, J. P., op. cit.; Capalbo, C., op. cit.; Ricoeur, P - **Temps et Récit**, 3 vol., Paris, Ed. Seuil; **Du texte à l'action**, 2 vol., Paris, Ed. Seuil, 1986.